

## O SERTÃO NÃO É LONGE DAQUI: TRADIÇÃO E MIGRAÇÃO DAS ALMAS ENTRE CATÓLICOS E EVANGÉLICOS NO NOVO SEMIÁRIDO

Moacir Carvalho

*O sertão tem sido considerado um lugar espiritualmente denso, de um catolicismo sincrético, messiânico e festivo. Todavia, tal visão, embora não totalmente falsa, tem bloqueado leituras alternativas da espiritualidade sertaneja em tempos de mercado. Procuo explorar certas dinâmicas relativas à concorrência entre católicos e evangélicos, concentrando-me no quanto demandas por formas expressivas voltadas para a autorrealização têm crescido. Com isso, redirecionam-se os padrões de oferta de serviços espirituais também nessa região.*



No ano de 1962, estreia filme sobre o tema religioso que faria história no cinema brasileiro. Nele, não só seriam relacionados litoral e sertão na composição dos conflitos que dariam sentido à trama, mas também seriam explorados os dilemas entre uma determinada religiosidade popular e os desiguais processos e velocidades modernizadoras nacionais. Trata-se de *O Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte, filme baseado na peça de Dias Gomes. Somos aí apresentados a Zé do Burro, personagem principal que, com sua pureza e moralidade inflexíveis, portaria um tipo de grandeza cativante, síntese dos ideais de um popular sobrevivente em um Brasil profundo.

Na tentativa de cumprir promessa feita em terreiro visando à cura de Nicolau, seu burro, o protagonista tensiona-se em longa refrega com um pároco de Salvador. Curado o burro, Zé do Burro carregaria imensa cruz ao interior da igreja de Santa Bárbara e – fator geralmente esquecido – dividiria suas terras entre os mais pobres. Chegando, porém, às portas da igreja, o pároco lhe nega entrada! Começa o verdadeiro padecimento de Zé do Burro: não o trajeto entre sertão e litoral, mas o que lhe aguarda na cidade.

O sertão parideiro de fanatismos vai desaparecer para dar lugar ao motor urbano da história. E, com o sertão feito lonjura esquecida em meio a nossa aventura civilizatória, o urbano se torna o campo das tensões constituintes do agora. É aí que Zé do Burro deverá converter o mito do sertanejo, politizando-o em história. Enfim, inverte-se a relação entre catolicismo oficial e popular, fazendo desse catolicismo rural, festivo e iletrado expressão do autêntico em oposição

ao artificialismo autointeressado da cúpula ilustrada e cidadina. Evidentemente, qualquer semelhança com a Teologia da Libertação não será mera coincidência.

Todavia, mesmo que o cosmos religioso oferecido em *O Pagador de Promessas* seja extremamente rico, capaz de promover a visibilidade de uma diversidade de expressões espirituais, nele não vemos “crentes”. Como se, no esforço integrativo do popular numa narrativa em que estava em jogo o futuro da nação, tivesse sido difícil integrar o protestantismo como cultura contra o pano de fundo da profusão católica e afro-brasileira que então se estetizava em meios profanos com seus ritos, êxtases e cerimoniais festivos. Se o catolicismo rústico (QUEIROZ, 1968) era a nossa história, como os protestantes poderiam tomar parte nela?

Fato é que eles tomaram, começando a chegar no século XIX, após a abertura dos portos em 1808 e a Constituição de 1824 – sobretudo anglicanos e luteranos, que se dirigiam preferencialmente às regiões Sul e Sudeste. Todavia, o ritmo da protestantização seguiria lentamente, dependendo da entrada de imigrantes entre fins do século XIX e início do XX. Isso mudaria com o protestantismo de missão e com os pentecostais. Estes últimos vieram com a Congregação Cristã em 1910 e a Assembleia de Deus em 1911. Ambas caracterizadas por rigor moral e aversão ao mundo. É a chamada primeira onda pentecostal associada à *glossolalia* – o falar em línguas.

Principais responsáveis pelo crescimento evangélico no país, nas décadas de 1950 e 1960 adviria sua segunda onda, com Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor. A partir daí, o fenômeno pentecostal

chamaria mais atenção, ainda que permanesse marginal e, eventualmente, fosse considerado mero modismo ou fanatismo. Enfim, começariam a ser acusados pelo enfraquecimento católico dos anos 1970 e 1980, ao mesmo tempo que seu avanço seria tomado como expressão de desenraizamento rural, migrações, consumismo, proletarização, urbanização e modernização.

Na década de 1970, enquanto as CEBs<sup>1</sup> católicas avançariam sertão adentro apostando numa solução coletivista à tensão entre este e o outro mundo, os chamados neopentecostais pareceram preferir, inclusive por logística, as cidades. Nesse caso, oferecendo modelo menos politizado, mas que se mostraria bem adaptável. Contrapondo-se à rejeição ao mundo dos seus “ancestrais” pentecostais, tal modelo proporcionaria um formato cultural espetacular, mesclando música, dança e esfuziantes exorcismos. Universal do Reino de Deus (IURD), Renascer, Internacional da Graça de Deus, entre outras, são exemplos desse formato.

Tal corrente, empunhando um proselitismo mais agressivo, se mostraria particularmente habilidosa em atrair para si polêmicas. Bastando rápida pesquisa nas matérias jornalísticas a partir dos anos 1990, encontram-se desde chutes na santa até acusações de exploração monetária dos fiéis, lavagem de dinheiro e associação ao tráfico, com prisões de pastores, casos de insulto e mesmo agressão. Além, é claro, das controversas aproximações entre evangélicos, meios massivos de comunicação e política – tendo ocorrido, mais recentemente, a eleição de Marcelo Crivella, figura de peso da IURD, para prefeito do Rio de Janeiro pelo PRB.

Nesse contexto, não só católicos e afro-brasileiros se mostrariam especialmente alarmados. Também setores leigos da sociedade temeram que o avanço do segmento em sua preferencial afinidade ao conservadorismo político ameaçasse a laicidade estatal. No limite, levando-nos a um tipo de teocracia evangélica. Leitura essa que ganha força diante do impressionante crescimento numérico do segmento, que, segundo pesquisa do Datafolha de 2016, estaria alcançando 30%. Também, de acordo com o Pew Research Center, nos anos 2030 o Brasil já não será majoritariamente católico.

E não se trata apenas de números, mas de uma inovação cultural capaz de alterar o campo religioso. Aliás, é possível que estejamos presenciando os desdobramentos não planejados das inovações neopentecostalizantes ocorridas nos anos 1970 e 1990, algo que excederia as expectativas das primeiras lideranças. Por exemplo, se nos primeiros anos do fenômeno o doador preferencial de “fiéis” foi o catolicismo urbano, grande parte da mobilidade religiosa atual se daria no interior do próprio espectro evangélico. Sendo que esse fenômeno estaria sendo acompanhado pelo crescimento dos confessionalmente não determinados. Ao mesmo tempo, se os neopentecostais foram habilidosos em incorporar festivamente rituais e símbolos católicos, também os católicos incorporariam recursos pentecostalizantes via Renovação Carismática. Tudo muito complexo.

Não se pode esquecer, o catolicismo é nosso cristianismo mais velho. Contando com recursos e rede de relações globais, tem se perpetuado com sucesso por quase 2 mil anos. E, com isso, sendo capaz de até os dias de hoje combinar elementos novos com práticas

## EVANGÉLICOS POR REGIÃO % (1940-2010)

	1940	1970	1980	1991	2000	2010
<b>BRASIL</b>	2,6	5,16	6,6	9,57	15,4	22,2
Norte	1,2	4,8	8,43	12,16	19,8	28,5
Nordeste	0,73	2,55	3,40	5,54	10,3	16,4
Sudeste	2,30	5,47	7,11	10,71	17,5	24,6
Sul	8,92	8,88	10,17	12,17	15,3	20,2
Centro-Oeste	1,3	5,45	7,8	11,43	18,9	26,8

Fonte: IBGE.

antigas, muitas delas com particular apelo lúdico-festivo e já bem consolidadas: romarias, procissões, festas aos santos e devoções domésticas. Desde São João a Frei Damião, passando pelas hierópolis do Juazeiro de Padre Cícero, São Francisco do Canindé e Bom Jesus da Lapa, ou a encenação da Paixão de Cristo, o sertão parece ainda oferecer vitalidade espiritual impressionante.

E se, por um lado, o catolicismo não tem impedido o avanço dos evangélicos no sertão, é certo que aí os católicos continuam mais representados que a média nacional, com quase 90% das 485 cidades brasileiras com menos de 3% de evangélicos no sertão. Buscando reverter esse quadro é que iniciativas como o Movimento Nacional de Evangelização do Sertão Nordestino têm acontecido. Em sua página, lê-se: “Esforçando-nos para levar o evangelho onde Cristo ainda não é conhecido”. Com cerca de 23 milhões de habitantes, o sertão tornara-se fatia do mercado espiritual particularmente compensadora ao investimento.

A princípio, se focamos índices absolutos, confirma-se um Nordeste mais católico que as demais regiões, com o Piauí disparado em primeiro – 85,1%. Por certo. Todavia, se nos voltamos para a quantidade de vezes

que os patamares de 2010, por região, haviam se multiplicado em relação aos de 1940, chegamos a um quadro bastante distinto. Agora as regiões Norte (com aumento de 24 vezes), Nordeste (22 vezes) e Centro-Oeste (20 vezes) aparecem, respectivamente, como aquelas de protestantização mais acelerada, seguidas por Sudeste (11 vezes) e Sul, com pouco mais que duas vezes.

Assim, se a Região Nordeste é ainda a de mais catolicismo – 72,2% em 2010 –, a queda deste aí só ficou atrás da Região Norte. Enquanto isso, Pernambuco (32,3%), Bahia (17,4%) e Maranhão (17,2%) são, respectivamente, os mais protestantes. Já a Região Sul, que em 1940 era disparada a mais protestante, deverá se tornar a mais católica nos próximos anos. No quadro atual, de fato, o semiárido se confirma como ainda mais católico (80%) e menos protestante (12%) que a média nordestina. Todavia, ultimamente tem seguido o ritmo de evangelização da região, ou seja, mais rápido que a média nacional.

Além do mais, entre os anos 1970-2010, o índice de urbanização no Nordeste passou de 41,78% para 73,13%. No mesmo período, a taxa nacional se ampliou de 55,98% para 84,36%. Ou seja, não só o Nordeste, com 53 milhões

de habitantes, mas também o sertão já não seriam essencialmente rurais. E, mesmo que o semiárido ainda possua alguns dos piores IDHs do país, ele vem se desenvolvendo mais rapidamente que a média brasileira. Talvez estejamos vivendo um processo de integração no qual determinadas formas de vida estariam se propagando mais homoganeamente, ainda que com diferentes velocidades. Os próprios sentidos de “espiritual”, “povo”, “tradicional” e “moderno” estão mudando.

Decerto, o sertão continuará por um bom tempo muito católico, sim! Mas resistente à novidade e criatividade religiosas? Dificilmente. Precisa-se lembrar: a velha espiritualidade popular retratada em *O Pagador de Promessas* era tudo, menos resistente à invenção. Diante dela, se nossa recepção do protestantismo ainda no século XIX teria oscilado entre a esperança de modernização e o medo de infecção, em anos recentes têm prevalecido a maleabilidade e a atratividade das agências; generaliza-se a importância de experiências de plenitude e mesmo prazer. Sobre seu encontro com o Espírito Santo, comunicou-me certa vez uma praticante da IURD:

*Sabe quando você se lembra de uma coisa gostosa, e dá aquela risadinha assim... Você está ali, meu Deus, eu Te amo, eu Te adoro. Você só tem vontade de louvar, de agradecer [...] O Espírito Santo é de paz, é uma intimidade [...] Então você sente aquela presença mais gostosa.*

E, pode-se dizer, durante o atual acirramento concorrencial, o fluxo de praticantes entre grupos se assemelharia mais a movimentos multidirecionais em contínuo, com os concorrentes sofrendo perdas e ganhos a todo

tempo. Mas esse é o espetáculo que se abre aos que vivem da religião, empenhados em garantir casa cheia e motivada. O outro lado da moeda é que os antigos ideais confessionais espiritualmente monogâmicos estariam perdendo legitimidade.

O sertão não deverá ser muito diferente. Lugar de gente com “Deus” – ou deuses –, mas cada vez com “menos igreja”; assim, ofertadores quaisquer já não poderão contar com uma representação submissa ou incapaz do sertanejo, se é que já puderam um dia... Não seria essa incompreensão parte da tragédia que assolou Canudos ou, de forma mais discreta, impôs tantos padecimentos a tantos feito Zé do Burro? Nesse sentido, a combinação de ofertas festivas entre Renovação Carismática, velhos catolicismos e neopentecostalismo parece conferir ocasião celebrativa àqueles desejosos por formas lúdicas de autoexpressão. O praticante de hoje, sobretudo o mais jovem, parece querer experimentar todo acepipe espiritual que lhe aprouver nesta vida. Mas, diversidade eventualmente marcada por conflitos mais abertos e mesmo casos de insulto e agressão, deverá tender, espera-se, a resolver suas diferenças mediante um sentido celebrativo, de tolerância e consideração às garantias estatais legais para todos. **OBS**



### Moacir Carvalho

É sociólogo com doutorado pela Universidade de Brasília (UnB). Tem pesquisado os temas da cultura popular, religião, consumo e economia simbólica.



## Referências

- ALVES, J.; CAVENAGHI, S.; BARROS, L.; CARVALHO, A. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, v. 29, n. 2, 2017, p. 215-242.
- DATAFOLHA. *Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil*, São Paulo, 7 e 8 dez. 2016.
- FUSCO, Wilson; MOREIRA, Morvan de Mello. *Dinâmica demográfica do Nordeste*. Relatório de Pesquisa. Fundação Joaquim Nabuco, 2015.
- LOPES JR.; Orivaldo P. A Conversão ao Protestantismo no Nordeste do Brasil. *Lusotopie*. Paris: Karthala, 1999, p. 291-308.
- MARIANO, Ricardo. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2017/6000-1529605659.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, jul./dez. 2013, p. 119-137.
- MELLO, Adilson da Silva. Cunha: relações religiosas e transformações, tradição e transição cultural. Tese de doutorado em ciências sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2008.
- PONTES, E. T. M. Fé e pragmatismo no sertão. *Mercator*, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 155-168, mai./ago. 2014, p. 155-168.
- QUEIROZ, M. I. Pereira de. Sociologia – o catolicismo rústico no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 5, 1968, p. 104-123.
- SANTOS, Magno. No sertão e na capital, salve Aparecida: peregrinações em Sergipe no tempo presente. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, jan./jun. 2015, p. 169-187.
- STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reys. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 12, n. 23, jan./abr. 2010, p. 354-393.



## Nota

- 1 As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são grupos inclusivistas ligados à Igreja Católica que, incentivados pela Teologia da Libertação após o Concílio Vaticano II (1962-1965), multiplicaram-se no Brasil e na América Latina ao longo dos anos 1970 e 1980.